



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento 24 horas
(UPA) União/Alvarenga**

São Bernardo do Campo-SP, 10 de setembro de 2010

Vocês sabem que no dia 1º de janeiro do ano que vem, a esta hora eu já estarei de volta, morando em São Bernardo do Campo. E como eu já vou estar com 65 anos de idade, eu vou precisar utilizar esta UPA ou uma mais perto do centro, que eu espero que, dentre as nove que o Marinho vai fazer, faça uma pertinho lá do centro de São Bernardo do Campo.

Mas eu acho, companheiros e companheiras, que o fato de eu estar aqui no Alvarenga, participando da inauguração de uma UPA, para mim tem um significado muito grande. Eu já passei por esta estrada, no Alvarenga, durante décadas e décadas. Durante os anos 60, eu passava por esta estrada aqui quando, na verdade, não tinha casa de lado nenhum, não tinha absolutamente nada. Depois surgiu o Clube da Ford e, agora, eu passei aí, quase que eu não conheço, [diante] da quantidade de gente que está morando nesta região. Também eu vi que o hospital está sendo construído. Eu não sei se ali é Vila Cláudia, eu sei que é perto do Jardim do Lago, onde também eu frequentei muitas vezes as casas de parentes da minha companheira Marisa.

Portanto, eu vou voltar para cá, e vou voltar em um momento especial. Vou voltar em um momento em que o Prefeito da cidade de São Bernardo é um companheiro com quem eu trabalho junto há quase 30 anos, na vida sindical. E esse companheiro teve a competência de virar prefeito da cidade de São Bernardo do Campo, para fazer esta cidade melhor.

Ora, e por que nós decidimos fazer 500 UPAs no Brasil? E por que aqui em São Bernardo vai ter nove? O estado de São Paulo vai ter quantas, o estado todo? Cento e não sei quantas. Bem, qual é o problema? O problema é



que a parte mais pobre da população, que vai morando cada vez mais distante do centro, vai tendo cada vez mais dificuldade de ter acesso aos serviços prestados pelos municípios, que normalmente as pessoas têm que pegar ônibus para ir ao hospital, pra ir ao médico, mesmo quando a situação não é de tal gravidade. Muitas vezes, a gravidade não é medida pelo médico. Às vezes, a gente pensa que é grave e a gente, às vezes, pega... Eu costumei... quantas vezes, Temporão, pegar a Marisa e meu filho, com um ano, um ano e meio, e pegar um ônibus, ficar na fila do ônibus esperando o ônibus. Às vezes, demorava 40 minutos o ônibus, e a gente ia até Santo André, às vezes, para ser atendido. E o povo pobre sofre como... Eu não vou dizer um palavrão, não, mas sofre muito.

Então, Marinho, quando você resolve fazer a UPA numa região como esta aqui, distante do centro, mas perto do povo necessitado, a gente está dizendo para vocês: Olha, nós ainda vamos ter os 200 milhões de habitantes tratados como cidadãos e cidadãs de primeira categoria e não de segunda categoria. E vocês, vocês vão ver a qualidade do tratamento. Na hora que nós sairmos daqui, certamente vai ficar aberto para o pessoal visitar, não é, Artur? Vai ficar aberto. Isso aqui não vai resolver todos os problemas. É importante saber o seguinte: se tiver uma pessoa que vem aqui, e essa pessoa tiver uma coisa grave, que precise ser tratada [de forma] emergencial, essa pessoa não vai receber um recado e dizer: “Olha, você aguarda, que nós estamos vendo se tem uma vaga no hospital”. Aí, quando chega no hospital, a pessoa está morta. Não. Na hora que a gente chegar aqui e tiver um problema grave, essa pessoa imediatamente... Primeiro ela vai tentar... ela vai receber todo o tratamento aqui, aí vai ser colocada em uma ambulância, onde ela vai ser tratada com carinho e vai direto para o hospital, onde vai ter um leito esperando essa pessoa para ser recebida, como todo mundo tem direito de ser recebido.

É por isso que... também uma coisa importante: vocês vão vir aqui e não vão sair daqui com receita, vocês vão sair daqui com remédio. Vocês não vão



sair com receita. Quem vier em uma UPA vai sair daqui com o remédio, porque nós, ao longo da história, cansamos de ver pessoas saírem com receita e morrerem com a receita embaixo do travesseiro, porque não tinha dinheiro para comprar o remédio.

Foi por conta disso que nós criamos a Farmácia Popular, para vender os principais remédios que as pessoas precisam tomar, bem barato. Na Farmácia Popular, o remédio que custa R\$ 30,00, a pessoa paga R\$ 3,00. E aqui vai receber de graça. Aqui é mais barato ainda do que a Farmácia Popular, porque aqui vai ser de graça. Então, a pessoa vai levar o remédio para casa.

Bem, nós ainda temos que inaugurar mais seis... Seis? Mais seis aqui, porque, ao todo, para São Bernardo são nove. Vai ter UPA em Diadema, vai ter UPA em Santo André, vai ter UPA... Só não tem UPA, na verdade, em São Paulo, porque parece que eles não querem.

Agora, Temporão, você poderia ter me explicado. Eu fui à cidade de Tatuí, com o ministro Temporão, receber as primeiras 600 ambulâncias do Samu, feitas em Tatuí. Ao todo vão ser 3.600 ambulâncias no Brasil inteiro. Nós vamos receber as primeiras 600. E lá estava o ex-governador de São Paulo, que fez até discurso, e agora você vem me dizer que ele não participa do Samu? Não põe um centavo? E fez discurso como se colocasse muito dinheiro! Isso é porque eu sou um democrata e deixo eles falarem, mas, na verdade, você poderia ter me avisado antes, porque eu ia cobrar dele, eu ia cobrar dele no palanque: Como é que você vem inaugurar uma coisa em que você não põe um centavo, não ajuda as prefeituras?

Por que não ajuda as prefeituras a custear essas UPAs? É porque ele disse, e esse moço presenciou, é porque eles disseram o seguinte: “Nós não vamos fazer nada, porque nós não queremos trabalhar junto com o governo federal”. É pura ignorância, pura ignorância, porque quando a ignorância entre os governantes prevalece, de alguém não querer fazer uma coisa: o presidente não quer fazer com o prefeito porque não gosta do prefeito; o prefeito não quer



fazer com o governador porque não gosta do governador; o governador não quer fazer com o presidente porque não gosta do presidente. Quando isso acontece, quem paga o “pato” é o povo brasileiro que votou em todos nós para resolvermos o problema da população e não para criar caso para a população.

Por isso, eu vim aqui no Alvarenga, Marinho, orgulhoso, para inaugurar esta UPA, eu espero nunca precisar dela, se Deus me ajudar. Eu, agora mesmo, estou precisando de médico, que estou com problema no ouvido aqui, que eu não posso contar para vocês, mas estou com problema aqui. Mas, eu não vou estreitar, não vou estreitar a UPA comigo. Ou seja, vai morrer de vontade que seja eu, mas eu não vou estreitar. Eu vou... Eu acho, companheiros, eu acho que o povo do Alvarenga deve sempre olhar para aquele menino ali, olha, que eu trato como se fosse um filho meu, esse companheiro aqui. E vocês, vocês vão ter a convicção de que a coisa mais certa que o povo de São Bernardo fez foi votar neste companheiro para ser prefeito de São Bernardo do Campo.

E é com muito orgulho que, no dia 1º de janeiro, eu, do meu apartamento, posso olhar e ver a Prefeitura, onde o meu Prefeito está trabalhando. Agora, se ele não fizer as coisas direito, e brincar, eu posso até me candidatar a prefeito de São Bernardo do Campo aqui para... Mas como o Marinho é meu irmão, eu apenas me contentarei em ser cabo eleitoral dele quando ele for candidato à Prefeitura aqui, em São Bernardo do Campo.

No mais, companheiros, parabéns ao comitê gestor, parabéns ao Movimento da Saúde, parabéns ao povo de São Bernardo, parabéns ao povo do Alvarenga que, se Deus quiser, se Deus quiser, vocês, a partir de agora, serão tratados com dignidade, com respeito, pela prefeitura e pelo governo federal.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
